

“BAHIA TERRA DA FELICIDADE” - O IMAGINÁRIO DA CARTA DE CAMINHA NAS PROPAGANDAS TURÍSTICAS¹

Pacheco, Isabel Maria de Jesus - UESC / DFCH
Mestre em Cultura e Turismo – UESC/UFBA

Resumo

O presente artigo analisa a utilização do imaginário da Carta de Caminha como atrativo nas propagandas turísticas, especialmente na revista Bahia Terra da Felicidade da Embratur, versão inglesa de 1997, observando a ênfase às possibilidades dos visitantes vivenciarem as mesmas experiências nestas terras paradisíacas, sentindo o mesmo ócio edênico decantado na Carta. Reforçado pelo marketing turístico, o imaginário dos colonizadores é percebido no sul da Bahia associado às atividades culturais e à visão identitária regional.

Palavras-chave: Cultura, Imaginário, Turismo.

Introdução

As propagandas turísticas na Costa do Descobrimento são abordadas neste trabalho a partir da revista Bahia Terra da Felicidade da Embratur, versão inglesa, de 1997, observando como é utilizado esse imaginário como atrativo para o turismo local.

O imaginário dos colonizadores, manifesto na Carta de Caminha, perpetua-se nas imagens da nacionalidade e nas ressignificações da identidade cultural brasileira expressas nas propagandas turísticas da Costa do Descobrimento. As imagens identitárias do sul da Bahia veiculadas nas manifestações culturais e atividades turísticas reforçam a visão do paraíso descoberto, “da terra em que tudo dá”, “da terra da felicidade”. Assim os visitantes e turistas sonham usufruir desse éden. Buscam, portanto, com olhos ávidos, o exotismo do cotidiano, o vislumbrar do paraíso, o erotismo dos trópicos, a eterna sensação do ócio, que acreditam presentes nas formas de vida dos brasileiros habitantes nesta região. A investigação do imaginário dos colonizadores e a focalização do *marketing* turístico nas possibilidades dos turistas vivenciarem as mesmas sensações e experiências descritas na Carta de Caminha constituem o objeto de estudo deste artigo.

A Carta de Pero Vaz de Caminha, documento histórico de importância ilibada para a percepção do imaginário dos europeus, foi tomada como fonte das imagens que revelam o deslumbramento diante da terra, dos habitantes e das possibilidades de usufruto de um paraíso a ser explorado. A essas

¹ Trabalho publicado no livro Comunidades Sustentáveis: a partir do turismo com base local, Salvador I. Trevizan (org), Ilhéus: Editus, 2006.

E na Revista Espaço Acadêmico, nº 37, Junho de 2004, mensal, ISSN 1519.6186, ano IV - www.espacoacademico.com.br

imagens confrontamos um material de propaganda da Embratur, divulgado na revista “Bahia, terra da felicidade” (EMBRATUR, 1997- versão inglesa) sobre a Costa do Descobrimento, que propaga o imaginário idealizado como forma de atrair os turistas para (re) viverem as sensações de uma região edênica.

Neste artigo, destacamos a importância dos estudos do imaginário para a compreensão histórica de uma sociedade; pontuamos algumas das impressões que expõem o imaginário dos europeus presentes na Carta de Caminha; selecionamos na revista da Embratur, expressões que utilizam as formas e imagens semelhantes às da Carta e analisamos as nuances e resquícios deste imaginário reforçado no texto contemporâneo referido.

A Carta de Caminha e seu imaginário

Para compreender a história, muito mais do que a análise de documentos, faz-se mister o estudo do imaginário fincado tanto nos documentos como nas leituras das significações e representações presentes no cotidiano de um dado grupo social.

A historiografia atual sustenta o estudo do cotidiano e do imaginário como formas de compreensão das formações socioculturais. Com base nas reflexões, defendidas em VOVELLE, 1997; GINSBURG, 1997; CHARTIER, 1990 e THOMPSON, 1997; direcionamos nosso olhar sobre os documentos que tomamos para análise neste artigo, pois a partir das significações e símbolos expostos na visão dos que registram os acontecimentos, é possível interpretar a história. O imaginário insere-se no tempo histórico de longa duração, daí ser possível seu estudo, apreensão e reconhecimento no cotidiano, mesmo que, relido, alterado, invertido nos seus sentidos e significados originais. A cultura e suas representações circulam nos diversos setores sociais e de interesse e nesta circularidade são relidas, re-elaboradas num processo de construção e reconstrução de representações. Neste sentido, as imagens da região produzidas no relato de Caminha são reconfiguradas pelo *marketing* turístico, sendo o imaginário utilizado para criar atmosfera de encantamento e sedução para o turista, mas igualmente provocando uma releitura cultural dos habitantes a respeito de si mesmos, nem sempre evitada de criticidade, mas certamente “*como um motor na produção de sentidos, valores e significados.*” (CUNHA, 1999, p. 170-181)

Algumas publicações lançadas nas comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil são referenciais que se entrelaçam aos outros já citados na construção de uma análise mais pontual e

localizada, a exemplo de CUNHA,1999, p. 170-181 ; NETTO SIMÕES, 1997, p. 80. Tais publicações discutem a problemática identitária do sul da Bahia, o imaginário português sobre o Brasil, as configurações da cultura e das atividades turísticas desenvolvidas na região. No sul da Bahia, o imaginário edênico idealizado é marcante por ter sido a região o palco do encontro e das primeiras formações sociais efetivas entre europeus e nativos da nova terra. É inegável que o imaginário legado pelos colonizadores influencie consideravelmente as escolhas da região da Costa do Descobrimento, quando se utilizam dessas imagens nas atividades do turismo.

Outros têm estudado a Carta de Caminha buscando o imaginário, a imagens que fundamentam a mentalidade tanto dos colonizadores como da sociedade que se forma a partir desta colonização feita pelos portugueses na terra de Santa Cruz e sua dominação primeiro dos habitantes nativos e depois dos africanos trazidos para mão de obra escrava. Dentre estes, podem ser citados apenas para ilustrar: O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial (SOUZA,1986, p.32, 37, 63); Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira (RAMINELLI,1996, p. 42, 153); A viagem do Descobrimento: a verdadeira história da expansão de Cabral (BUENO,1998, p. 43); Leitura Ideológica da Carta de Pero Vaz de Caminha (TEIXEIRA,1996, p. 22); A Carta de Caminha História ou Ficção? (NETTO SIMÕES,1996, p. 60); Quinto Império (CUNHA,1995, n° 04).

As imagens da Carta de Caminha são inúmeras e fazem parte destas o imaginário quinhentista europeu sobre o paraíso terrestre ou seja o “Éden” perdido que acreditavam os portugueses como todo europeu da época que existia em alguma parte do mundo e que além de ser a fonte da eternidade, seria também a fonte inesgotável de riquezas inimagináveis.

“A visão atual do espaço edênico, lembrado a partir da tradição antiga bíblica, caracteriza a geografia imaginária da Idade Média [...] No plano ideal, o paraíso perdido de Adão e Eva, localizando algures a Oriente, simbolizava o retorno a mítica idade de ouro, à pureza dos tempos iniciais, plenos de abundância, beleza, a mocidade e juventude [...] Na fronteira de um tempo aberto a todo gênero e evasões oníricas, a nostalgia do jardim do Éden ressurgiu, à vista de novas terras de insuspeitável esplendor, nos textos dos navegantes e cronistas ibéricos que demandam o Novo Mundo”. (ARAÚJO, 1999).

As impressões registradas na Carta de Caminha são fincadas nos quadros referenciais presentes na mentalidade européia do séc XV. As releituras desse documento apontam para diversas possibilidades de estudos e novos problemas podem ser propostos, entre esses, a análise do imaginário

do homem quinhentista comparando-o às imagens exploradas nas propagandas turísticas. Como bem apontou Netto Simões:

“como é obvio, ao reler um texto de uma época tão anterior, o leitor desse final de milênio o lê contextualizado neste momento em que vive. Ao retomar a história, o leitor redimensiona essa mesma história ao enriquecê-la com a sua leitura, segundo a sua perspectiva. Se o passado passa a ser um futuro que começa, se a história se faz no seu acontecer na possibilidade de novas contribuições para ela, como quer a visão da nova história, então, leituras da Carta certidão de nascimento do Brasil, 500 anos depois, certamente trarão novas contribuições para a História, devido às reflexões que necessariamente provocarão sobre o assunto.” (1996, p. 62).

A visão paradisíaca em relação à nova terra revela-se nas muitas citações que lhe enaltecem as qualidades (como sendo boa, de bons ares, abundante em águas, com árvores exuberantes e animais de beleza rara, além de ser habitada por gentis homens). Essas qualidades expressam o que o homem quinhentista, representado por Caminha, supunha de um eldorado, de um éden perdido, que fazia parte do imaginário da época.

“Mas, a terra em si, é de muitos bons ares, frios e temperados como os de Entre-Doiro e Ninho, porque neste tempo de agora, assim os achávamos, como os de lá. Águas são muitas, infindas. E em tal maneira é graciosa, em querendo a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem”

¹(SIMÕES, 1999, p.18).

Outros exemplos são as expressões de surpresa, deslumbramento, euforismo que a Carta revela sobre os habitantes. As interpretações são carregadas dos valores socioculturais éticos e estéticos dos europeus, quando se refere aos seus corpos perfeitos, limpos “suas vergonhas tão altas e cerradinhas”, exaltação das formas expostas “sem vergonha”, num contraste radical com a cultura proibitiva em que o escritor se inseria.

“A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Não fazem caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas. O fazem com tanta inocência como mostram o rosto”.(ibidem)

E ainda:

“Uma daquelas moças era toda tingida, de fundo acima, daquela tintura a qual é certo era tão bem feita e tão redonda a sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa que muitas mulheres de nossa terra vendo-lhes tais feições fizera vergonha por não terem a sua como ela”.(ibidem)

Considerações ainda sobre o caráter dos nativos, como sendo inocentes, sugerindo a “inocência original” de Adão e Eva, explicitada na nudez natural, no comportamento pacífico, na ausência de defeitos, na beleza e pureza de comportamento, o que sugere um ambiente cheio de possibilidades de desfrute e permissividade dos prazeres ainda por serem usufruídos em contato com estes nativos.

“a que deram um pano com que se cobrissem e puseram-lho ao redor de si. Mas ao sentar não fazia memória de o muito entender para se cobrir. Assim senhor, que a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria mais quanto a vergonha.” (ibidem)

As propagandas turísticas e seu imaginário

As descrições na revista Embratur (1997) oferecem profícuas imagens para comparações com a Carta de Caminha. Por vezes, parecem reescrever as palavras do escritor da carta e ter o mesmo intuito de exaltar as possibilidades de desfrute desta terra paradisíaca.

Começando por seu título “Bahia, terra da felicidade”, o texto é introduzido fazendo menção à própria Carta de Caminha sobre a descoberta deste paraíso.

“The famous Portuguese journalist, Pero Vaz de Caminha – which took part of Pedro Álvares Cabral’s squadron, its navigator and discoverer – enchanted with the scenery, wrote to the King of Portugal, telling in details in details about the charming discovered paradise.”

Costa do Descobrimento is located along the edge of Caí River, in Prado County, passing by Monte Pascoal National Park, Caraíva, Trancoso, Arraial D’Ajuda, Porto Seguro up to Coroa Vermelha and João de Tiba River mouth, in Santa Cruz Cabralia., reserving delightful surprises, causing emotions to visitors and increasing the wish to rediscover Brazil”. (EMBRATUR, 1997 p.2).

“O famoso escrivão português, Pero Vaz de Caminha – que fez parte da esquadra de Pedro Álvares Cabral, navegador e descobridor – encantado com cenário, escreveu ao Rei de Portugal, contando em detalhes sobre o encantador paraíso descoberto”.

*A Costa do Descobrimento está localizada ao longo das margens do Rio Caí, no Prado, passando pelo Parque Nacional Monte Pascoal, Caraíva, Trancoso, Arraial D’Ajuda, Porto Seguro até Coroa Vermelha e margens do Rio João de Tiba, em Santa Cruz de Cabralia, reservando surpresas prazerosas, causando emoções ao visitante e aumentando o desejo de **redescobrir** o Brasil”. (EMBRATUR, 1997 p. 2).*

O texto mantém o foco sobre a emoção que o visitante terá ao vislumbrar a possibilidade de redescobrir o Brasil. Reforça ainda a magia da atmosfera que envolve o turista, as surpresas de ver centenas de quilômetros de praias paradisíacas e semidesertas, o encontro com habitantes da tribo

pataxó, remanescentes nativos da região, a beleza das ilhas, dos coqueirais, da mata Atlântica, das águas boas, dos recifes etc. São as mesmas imagens e a mesma atitude e propósito de atrair a atenção sobre uma terra pronta a ser desfrutada. Na continuidade, o texto descreve a infra-estrutura montada para proporcionar satisfação ao visitante e todas as atividades que garantirão a maximização de seu prazer e ócio.

“The magic atmosphere which involves tourists today is the same that enchanted Portuguese visitors in 1500, at the first contacts with land and its inhabitants, Tupi Indian of Pataxó tribe. It can be detached beaches, coves, bays, cliffs, a lot of rivers and rivulets ever surrounded by groves of coco trees, mangroves and Atlantic rain Forest.” (EMBRATUR, 1997, p. 2).

“A atmosfera mágica que envolve turistas hoje é a mesma que encantou os visitantes Portugueses em 1500, no primeiro contato com a terra e seus habitantes, índios Tupi da tribo Pataxó. Isso pode ser destacar pelas praias, cavernas, baías, penhascos e os muitos rios e riachos circundados por coqueirais, manguezais e pela Mata Atlântica”. (EMBRATUR, 1997, p. 2).

Saltam aos olhos a apologia e a oferta de momentos repletos de satisfação ligada a um cenário tão harmonioso, que seria impossível acreditar que este mesmo cenário tenha sido palco de um dos mais cruéis conflitos de expropriação dos antigos moradores e da invasão das reservas indígenas que continuam lutando contra a ocupação de suas terras. Exemplo disto são as imagens da repressão feita a passeata dos índios, durante as comemorações dos quinhentos anos dos descobrimentos, que dispensa comentários pelo nível de incoerência contido no episódio.

A refreshing waterfall is one of the attractive places of Tororão Beach, with its impressive cliffs, a region really privileged by nature, while Corumbau still reserves the tranquility of the primitive fishermen village, with a beautiful beach, schooner anchorage during touristic and ecologic tours in the outskirts of the county[...] (EMBRATUR, 1997, p. 21).

“Uma refrescante cachoeira é um dos lugares atrativos das praias de Tororão, com seus impressionantes penhascos, uma região muito privilegiada pela natureza, enquanto Corumbau ainda reserva a tranqüilidade da primitiva vila de pescadores, com linda praia, ancoradouro para escunas durante tours turísticos e ecológicos nos arredores”. (EMBRATUR, 1997, p. 21).

A chamada ao pleno desfrute das belezas desta “terra da felicidade”, parece pressupor ausência de conflitos no cotidiano das gentes do lugar, que Caminha também evoca quando diz: “e para além do rio andavam muitos deles **dançando e folgando** uns em frente a outro sem tomarem pelas mãos, e faziam-no bem” (SIMÕES, 1996, p. 12). Não menos emblemática, a citação na Revista da Embratur reforça a mesma falsa visão simplista de um cotidiano sem conflitos, vejamos:

“One thousand kilometers of pristine beaches, stunning colonial architecture, exquisite cuisine, beautiful canyons, water sports exotic flora and fauna, mysticism, friendly people, sun and festivals throughout the year, great hotels, restaurants, nightlife and attractions This why Bahia is known as land of happiness”. (EMBRATUR, 1997, p. 22).

“Mil kilometros de praias virgens, arquitetura colonial estonteante, deliciosa cozinha, belos canyons, esportes aquáticos, flora e fauna exóticas, misticismo, povo amigável, sol e festivais ao longo do ano, bons hotéis e restaurantes, vida noturna e atrações. Eis o por que da Bahia ser conhecida como a TERRA DA FELICIDADE”. (EMBRATUR, 1997, p. 22).

Sobre as análises da Carta de Caminha concluímos que três aspectos são possíveis de detectar; primeiro um olhar inocente, deslumbrado, romantizado das visões eufóricas; segundo um olhar economista enfatizando o expansionismo e o mercantilismo português camuflado pela cristianização dos povos que longe ser apenas justificativa, compõe parte integrante do imaginário do destino a que se imbuíam os europeus quinhentistas. Mas é possível também, e mais atualmente se nota, numa terceira via um esforço por olhar a Carta como informativa de uma época que oferece a percepção de como se via o outro, com se processou o dramático encontro de culturas, de imposição cultural com cruel exploração econômica fatores próprios do processo civilizatório liderado por Portugal nestas terras. È precisamente nessa terceira via de olhar que cabe, como procurou promover este trabalho, uma análise do imaginário da Carta utilizado atualmente com alíbe para atração turísticas. No bojo disto à releitura da Carta de Caminha demonstra as origens das nossas imagens, as resignificações culturais, as repetições de matrizes e valores, as generalizações, os estereótipos, as dificuldades equívocas com diferenças, o outro, a alteridade que povoam as relações sociais, culturais até hoje presente no cotidiano da região do encontro descrito por Caminha.

Não questionamos aqui a satisfação que esses lugares aprazíveis podem proporcionar aos visitantes. Antes, estamos focando nossa análise em como as imagens e o imaginário dos

colonizadores na Carta de Caminha e do *marketing* turístico se assemelham justamente para valorizar o produto turístico, evocando as mesmas visões hegemônicas e sensações descritas na carta. Como, em momentos históricos distantes, em escritos de objetivos aparentemente diferentes, fincados em tramas sócio-econômicas distintas, podem ser produzidas visões tão similares sobre a terra e seus habitantes?

Percebemos por esta breve comparação como as imagens dos escritos recentes reforçam o simbolismo do Éden para propagar a região. A Carta de Caminha contém, na verdade, as estruturas da construção das imagens do Brasil e, especificamente, do sul da Bahia. O mesmo olhar estereotipado e generalizante é veiculado pelo *marketing* turístico, sem levar em conta a diversidade e os conflitos sociais que são protagonizados pelos habitantes desta região, com um agravante de que “a diferença entre Caminha e o nosso tempo está em que já não é possível o *álibi*, legítimo naquelas suas circunstâncias, de um outro desconhecido e surpreendente” (CUNHA, 1998, mimeo).

O confronto entre as descrições contemporâneas da região e o texto de Pero Vaz de Caminha demonstra que a grandeza fantástica da terra, a sensualidade, a hospitalidade, a cordialidade, a alegria das suas gentes e o inusitado das suas paisagens continuam fazendo parte do imaginário e da propaganda para atrair os visitantes estrangeiros. A reprodução dessas imagens, também, é enfatizada para o consumo interno, fazendo-se crer que o exotismo da natureza pressupõe ausência de exploração e conflito, tão presentes hoje quanto nas entrelinhas do relatório inaugural da visita da esquadra de Cabral ao sul da Bahia.

Não podemos nos furtar de considerar que os apelos ao turismo como alternativa ao desenvolvimento da região, passam por implicações mais incisivas do que a exaltação de suas belezas naturais e de sua história cultural *sui generis*. Passam antes por pensar a problemática da valorização da cultura como luta para afirmar a identidade, preservar ou mesmo resgatar formas autênticas de vida das comunidades locais, que não podem ser esquecidas nas políticas de turismo. Além disto, garantir a qualidade de vida dos habitantes e a sustentabilidade dos ecossistemas tão decantados nas propagandas turísticas, são condições essenciais para a sobrevivência da própria atividade turística. Essas preocupações parecem-nos pouco contempladas no *marketing* turístico, quando não, são desvirtuados pelos mega projetos dos produtos de entretenimento e lazer na Costa do Descobrimento.

Neste sentido as estratégias para um turismo coerente passam certamente pela valorização e preservação, com o mínimo de impacto, das ações culturais no Sul da Bahia. Isto poderá ser feito com procedimentos e projetos de grandes parcerias e estudos sérios, para promover e administrar com sustentabilidade o fluxo de turistas ao Sul da Bahia. Como bem diz Simões (2001): “Assim é possível

um turismo o cultural garantidor da preservação do patrimônio cultural e natural. Somente dessa forma a sustentabilidade não se restringirá a aspectos econômicos, mas também atentará para o respeito aos cidadãos e as comunidades locais.”

É fato, porém, que o imaginário da Carta de Caminha relatado no dramático encontro inicial das culturas envolvidas neste imaginário são utilizados contraditoriamente por diversos grupos de interesses. Para esses grupos de interesses, a manutenção das imagens compulsoriamente exteriorizadas e que mantém como objetivo a conservação das diferenças das raças e culturas, são narradas nas mesmas cenas sobre o encontro entre turistas e nativos. Concluimos que o reforço, ainda hoje, do imaginário edênico posto a serviço dos interesses turísticos promovem uma falsa visão exótica dos habitantes a da região da Costa do Descobrimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Ana Cristina. **O Brasil e o mito do Paraíso terreal**. Resumo das Conferências do Fórum Internacional de História e Cultura no Sul da Bahia: os povos na formação do Brasil 500 anos, 1999. Universidade de Coimbra. CICDB/UESC.

BUENO, Eduardo. **A viagem do Descobrimento**: a verdadeira história da expansão de Cabral. Rio de Janeiro. Objetiva. 1998. Coleção de Terras Brasilis. p. 43.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CUNHA, Eneida Leal. **As Comemorações dos Descobrimentos**: configurações e reconfigurações de estados nacionais. Via Atlântica. São Paulo (USP), n.3, p.170-181, 1999.

_____. Eneida Leal. **Quinto Império**. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa/gabinete Português de Leitura. Salvador, 1995. nº04.

_____. **O Brasil no imaginário português** (mimeo).

EMBRATUR. **Revista Bahia, land of happiness**, 1997.

GISNBURG, Carlo. APUD CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo(org.) **Domínios da História**: ensaios de teorias e metodologia. Rio de Janeiro. Campus, 1997.

HUNT, Lynn. **A nova História Cultural** (trad. Jefferson L. Camargo). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

NETTO SIMÕES, Maria de Lourdes. **Leituras da Carta de Pero Vaz de Caminha**. Revista FESPI. Anais do Seminário. Editus. Uesc. Edição Especial. Ilhéus. 1996. p. 80.

_____, Maria de Lourdes. **A Carta de Caminha História ou Ficção?** Revista FESPI. Editus. Uesc. Ilhéus. p. 60.

RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização**: a representação do índio de Caminha a Vieira. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1996. p. 42, 153.

SIMÕES, Henrique Campos. **Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil**. Atualização e Notas. Revista FESPI. Anais do Seminário. Leituras da Carta de Pero Vaz de Caminha. . Editus. Edição Especial Ilhéus. 1996. p. 80.

SOUZA, Laura de Melo. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo. Companhia das Letras, 1986. p.32, 37, 63.

TEXEIRA, Marli Geralda. **Leitura Ideológica da Carta de Pero Vaz de Caminha**. In Revista FESPI. Editus. Edição Especial: Anais do Seminário - Leituras da Carta de P. V. de Caminha, Ilhéus-Ba. 22 de abril de 1996. p. 22.

THOMPSON, Edward. APUD CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org.) **Domínios da História**: ensaios de teorias e metodologia. Rio de Janeiro. Campus. 1997.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na História**. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.

¹. Os textos citados da Carta de Caminha são transcritos da edição especial da Revista FESPI, publicação dos Anais do Seminário *Leituras da Carta de Pero Vaz de Caminha*(org. Henrique Simões), realizado em 1996 e promovido pela Comissão institucional para as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, da Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC.